

Impactos da Abertura Chinesa sobre o Comércio Internacional (1998–2006)

JORGE ANTONIO PASIN*

RESUMO Este artigo examina as modificações observadas no volume e na composição das pautas exportadora e importadora da China (exclusive Hong Kong) entre 1998 e 2006 e a participação dos produtos chineses nos mercados mundiais. A análise é realizada mediante o exame dos dados da estatística de comércio exterior do Comtrade, da Organização das Nações Unidas (ONU).

ABSTRACT *Based on the data available at Comtrade/UN, the present article examines the main features of the acceleration of the Chinese opening process from 1998 to 2006 and its implications for international trade. The paper focuses on the modifications on China (exclusive Hong Kong) imports and exports volume, composition and market share.*

* Economista do BNDES.

O autor agradece os comentários e observações de Antonio Barros de Castro, Aluysio Antonio da Mota Asti, Francisco Eduardo Pires de Souza, Marcos Felipe Bicudo Casarin e Sander Magalhães Lacerda a uma versão preliminar deste artigo, eximindo-os de eventuais erros remanescentes.

1. Introdução

Com um crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) no entorno dos 10% ao ano nas últimas três décadas, a economia chinesa transformou-se na quarta maior do mundo, considerando-se seu PIB em dólares, e a segunda maior, pelo critério da paridade do poder de compra. Sua participação no comércio mundial saltou de 1%, em 1984, para mais de 7%, em 2006. A China tornou-se o segundo maior exportador (atrás apenas da Alemanha) e o terceiro maior mercado de destino do comércio internacional (depois de Estados Unidos e Alemanha). A expectativa de que o país passe ao primeiro posto entre os exportadores mundiais no início da próxima década [OCDE (2005)] pode acabar se realizando antecipadamente, no final da década presente.

Muito se tem debatido a respeito das transformações do comércio exterior chinês.¹ Os temas abordados nos trabalhos mais recentes vão desde as transformações no regime de integração industrial e comercial da China com os demais países asiáticos² até a importância das multinacionais³ e do investimento externo direto⁴ para a criação e a transformação das cadeias de comércio do país. Os estudos examinam também quão significativa foi a transição chinesa para bens mais sofisticados,⁵ abordando as mudanças no perfil de concentração da pauta⁶ e os impactos das transformações da China para o resto do mundo⁷ (América Latina⁸ e Brasil,⁹ em particular).

1 O tema foi objeto de um seminário promovido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), em abril de 2007. Foi também examinado, no mesmo ano, em resenha da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre a política de inovação chinesa [OCDE (2007)].

2 Ver, por exemplo, Dean et al. (2006).

3 Swenson (2006) analisa a relação entre a relevância das multinacionais na formação de novas cadeias de exportação na China, com base em dados do comércio exterior chinês de 1997 a 2003.

4 Acioly (2005) examina a importância do investimento externo direto na China para sua trajetória de inserção internacional.

5 Cui e Syed (2007) e Amiti e Freund (2007) se dedicam a essa análise.

6 Amiti e Freund (2006). Schott (2007) examina o grau de sofisticação relativa das exportações da China para os Estados Unidos e o comportamento dos preços intracategorias para determinar se os produtos chineses adquirem algum grau de preços “premium”, de acordo com o nível de desenvolvimento de seus parceiros comerciais.

7 Cass et. al. (2003) e Prasad (2004) investigam os efeitos sobre os países desenvolvidos do crescimento da competitividade dos produtos chineses e de sua participação nos mercados mundiais.

8 Jenkins e Peters (2006) examinam os canais de transmissão diretos e indiretos dos efeitos do crescimento chinês sobre a América Latina e Caribe, não apenas no tocante aos fluxos comerciais, mas também financeiros. Alvarez e Claro (2007) usam informações do Chile abertas em nível de unidade industrial para avaliar o impacto da competição das importações chinesas na indústria manufatureira local ao longo da década de 1990.

9 Abreu (2004) analisa os impactos do crescimento da relevância econômica da China no cenário mundial para a América Latina e Caribe, examinando mais detidamente o caso brasileiro. Castro (2007) aponta as perspectivas para o mundo e o Brasil em decorrência da expansão chinesa, que

Dos trabalhos assinalados acima, guardam maior relação com a temática do presente artigo os estudos de Dean *et al.* (2007), Cui e Syed (2007) e Amiti e Freund (2007).

Em Dean *et al.* (2007), são utilizadas matrizes de insumo e produto da China, um extenso conjunto de dados desagregados do comércio exterior chinês e uma nova metodologia de identificação da importação de bens intermediários pela China para medir o grau de especialização vertical do país ao longo dos últimos anos, por setor, mercado de destino e fonte de insumos.

Cui e Syed (2007) usam dados desagregados e análise de comércio exterior por sofisticação tecnológica para avaliar como o aumento da capacidade instalada e as transformações da estrutura produtiva chinesa estão implicando mudanças nas suas relações comerciais.

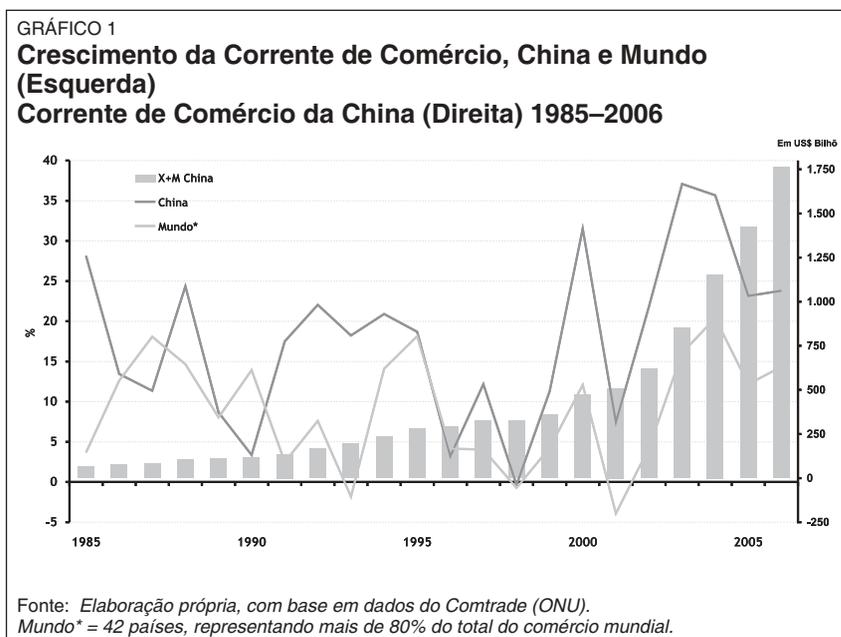
Amiti e Freund (2007) decompõem o crescimento das exportações chinesas entre 1992 e 2005 em diversas dimensões de agregação e classificação de mercadorias, calculando ainda a contribuição das margens intensivas e extensivas ao crescimento das vendas da China para os Estados Unidos.

Após esta breve introdução, a segunda seção do presente trabalho analisa os fluxos comerciais chineses de exportação e importação total e por categorias de uso. Na terceira seção, são examinados alguns casos de sucesso chinês por setores e produtos. Finalmente, na quarta seção, estão as considerações finais, nas quais as evidências encontradas ao longo do texto são comparadas aos resultados dos trabalhos de Dean *et al.* (2007), Cui e Syed (2007) e Amiti e Freund (2007).

configura uma mudança no ambiente econômico mundial e um deslocamento do centro de gravidade da economia mundial em direção ao país asiático. Castro (2008) aponta caminhos para o aproveitamento pelo Brasil das transformações oriundas da emergência da China como o mais novo grande player mundial.

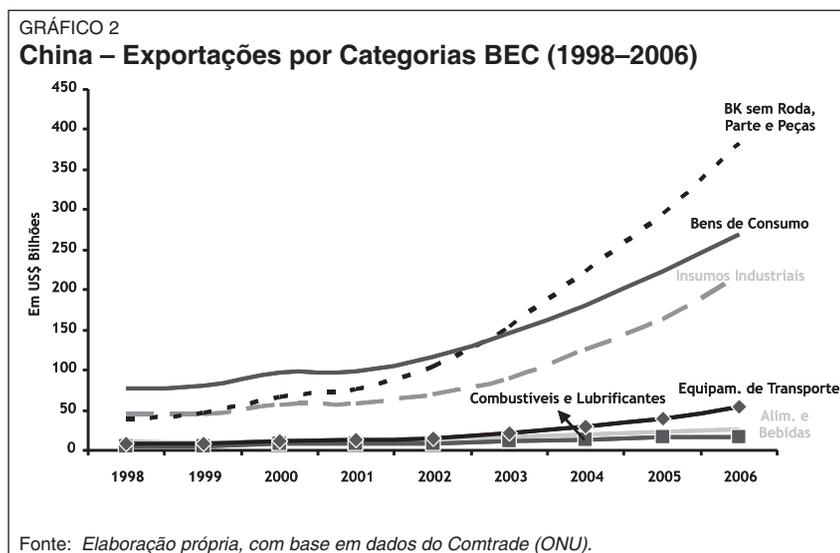
2. Fluxos Comerciais

O processo de abertura econômica da China teve lugar a partir do fim dos anos 1970, mas a maior parte dos dados disponíveis sobre o comércio exterior chinês tem suas séries iniciadas em meados dos anos 1980. De 1984 até a ligeira retração observada no contexto da crise asiática de 1997, o somatório de importações e exportações do país apresentou altas consecutivas, quase sempre superiores à variação observada no comércio internacional (Gráfico 1). Ao longo do período 1984-1997, o crescimento médio anual da corrente de comércio chinesa foi de 15,3% ao ano, contra 9,3% da média mundial.

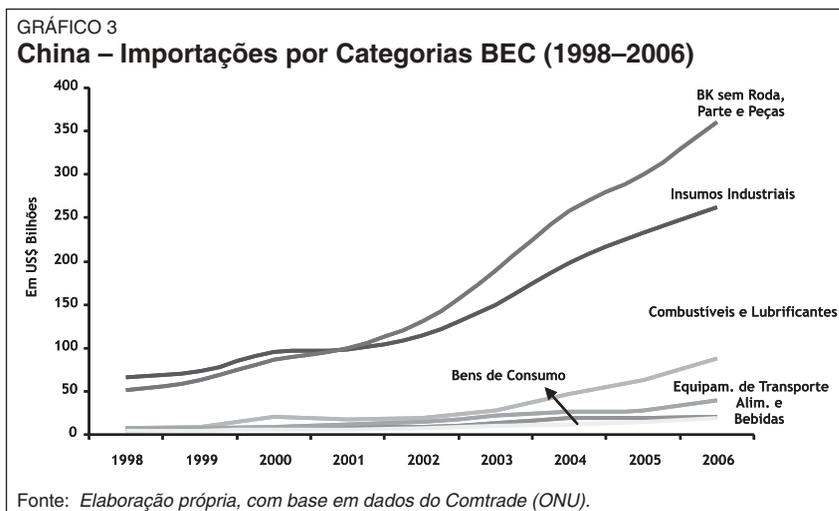


Depois de 1998, os fluxos comerciais da China passaram a crescer de forma contínua e ainda mais acelerada: entre 1998 e 2006, o país registrou uma expansão média anual de 23,6% em sua corrente de comércio, contra 9,7% ao ano da média mundial. Assim, a participação das exportações chinesas no total mundial saltou de 3,5%, em 1998, para 8,2%, em 2006; enquanto isso, no mesmo período, as importações passaram de 2,5% para 6,5% do total mundial.

O desempenho do comércio exterior chinês desde 1998 chama a atenção pela magnitude e pela amplitude do crescimento observado: tanto os fluxos de exportação (Gráfico 2) quanto os de importação (Gráfico 3) registraram alta em todas as categorias BEC.¹⁰ Além de vigorosa e generalizada, uma terceira característica da expansão do comércio exterior chinês esteve presente desde 1998: o crescimento da importância dos bens de capital sem roda em ambas as faces da balança comercial.



¹⁰ BEC: *Broad Economic Categories*. Sistema internacional de classificação de mercadorias do comércio exterior que agrega os bens negociados nos fluxos comerciais sob o ponto de vista das categorias de uso (bens de capital, bens intermediários e bens de consumo) e suas subdivisões.

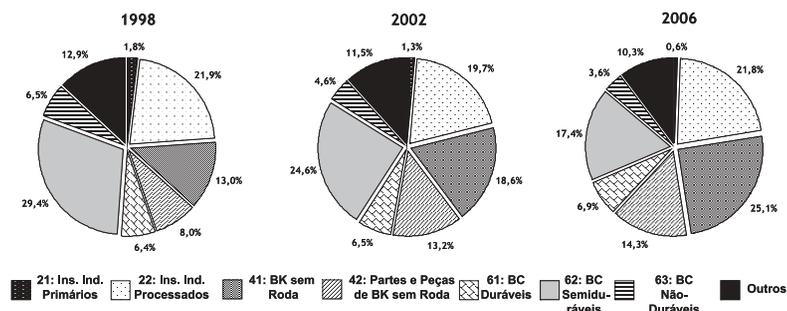


Observa-se que as importações de categorias BEC concernentes ao investimento (BK sem roda e insumos industriais) foram aquelas que apresentaram crescimento mais intenso, ao passo que as categorias associadas ao consumo (alimentos e bebidas e bens de consumo) registraram uma expansão mais modesta. Esse diferencial reflete a presença de taxas de investimento superiores a 40% do PIB verificadas na China desde o início da década de 2000.

Para examinar mais detalhadamente o comportamento do comércio exterior pela classificação BEC, as categorias mais representativas de cada um dos fluxos foram abertas em um menor nível de agregação: BEC 2, 4 e 6 nas exportações e BEC 2 e 4 nas importações.

Desde o início do processo de abertura, no fim da década de 1970, a competitividade dos produtos chineses nos mercados internacionais lastreou-se no uso intensivo da sua mão-de-obra, de menor custo relativo ao padrão mundial. A expressão dessa característica na pauta chinesa de exportações (Gráfico 4) era o predomínio dos bens de consumo, o qual prevaleceu até o fim dos anos 1990: em 1998, os bens de consumo respondiam por 42,3% das exportações chinesas, sendo dois terços referentes aos semiduráveis (categoria BEC 62). A categoria de bens de consumo semiduráveis abrange produtos manufaturados de baixo grau de sofisticação e intensivos em mão-de-obra, como os calçados.

GRÁFICO 4

China – Pauta de Exportações por Categorias BEC (1998, 2002 e 2006)

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados do Comtrade (ONU).*

Ao longo dos últimos oito anos, porém, os bens de consumo foram, aos poucos, perdendo espaço na pauta exportadora do país, de tal forma que em 2006 responderam por 38,6% do total exportado. Essa redução na representatividade dos bens de consumo nas exportações chinesas concentrou-se nos semiduráveis (BEC 62) e nos não-duráveis (BEC 63); os bens de consumo duráveis (BEC 61), por outro lado, sustentaram sua participação no total das vendas externas da China. Vale assinalar que, apesar da perda da importância relativa dos bens de consumo em sua pauta exportadora, a China continuou, desde 1998, a ganhar espaço no fornecimento desses bens para o exterior, consolidando sua liderança em diversos produtos dessa categoria ao longo dos últimos anos.¹¹

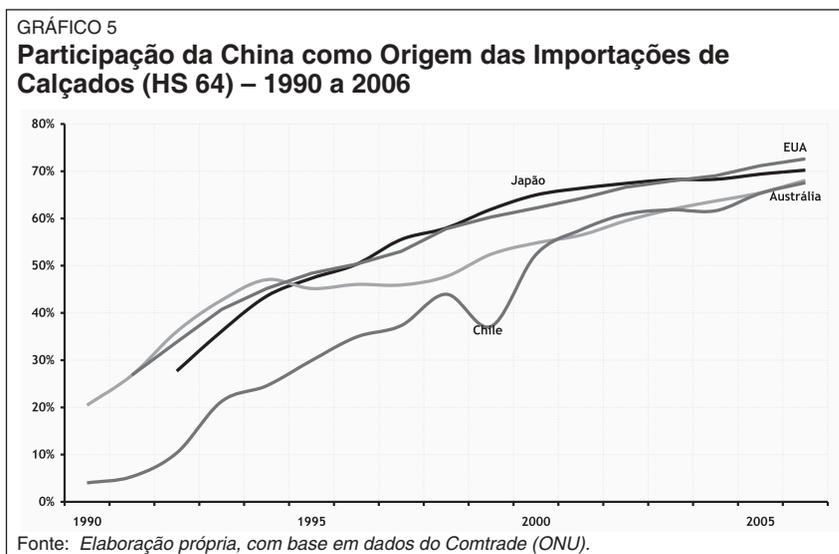
Se os bens de consumo perdiam participação, os bens de capital sem roda experimentaram movimento inverso: sua contribuição às vendas externas da China saltou de 21,0%, em 1998, para 39,4%, em 2006. Até 2002, o aumento da participação dos bens de capital sem roda ocorreu tanto para o equipamento completo (BEC 41) quanto para partes e peças (BEC 42); a partir de 2002 a expansão concentrou-se no equipamento completo. O crescimento dos bens de capital sem roda na pauta exportadora chinesa foi a expressão comercial do movimento de sofisticação da produção doméstica.

¹¹ De fato, as exportações das categorias BEC 61, 62 e 63 (bens de consumo duráveis, semiduráveis e não-duráveis, respectivamente) saltaram de US\$ 77,8 bilhões, em 1998, para US\$ 270,1 bilhões, em 2006 (dados do Comtrade/ONU), como mostra o Gráfico 2 deste texto.

3. Estudos de Caso

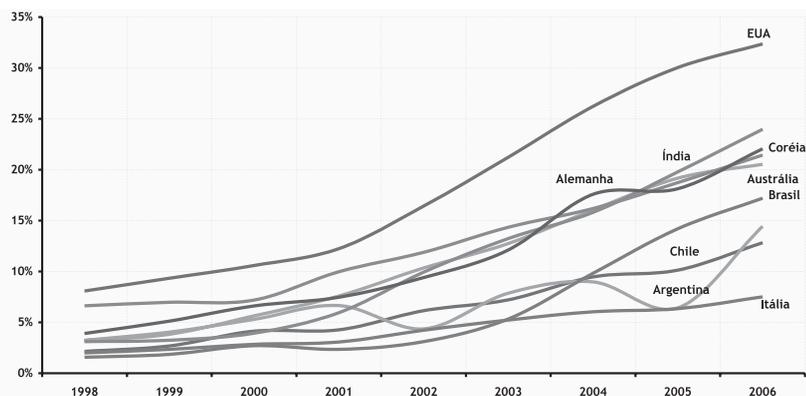
Já foi visto (Gráfico 2) que o crescimento das exportações chinesas por categorias de uso foi generalizado. Ocorre que, para diversos setores das manufaturas menos sofisticadas, os dados sugerem a existência de um limite para o *market share* ocupado pelas importações procedentes do país asiático. Por essa hipótese, tal limite seria alcançado quando a produção local e as importações procedentes de outras economias tivessem sua participação restrita a artigos especializados dentro de uma determinada categoria ou classe de produtos.

O setor de calçados é um caso prático a ilustrar essa situação: a participação chinesa nos seus principais mercados cresceu continuamente desde o início da década de 1990, aproximando-se, nos últimos anos, de seu limite assintótico (Gráfico 5).



Por outro lado, no tocante aos bens de capital sem roda (BEC 41), a presença chinesa no mercado internacional somente começou a ter representatividade em 1998 (Gráfico 6). Assim, nos últimos oito anos, além de se beneficiar da expansão do mercado como um todo, a China também deslocou seus concorrentes. Foi dessa maneira que o crescimento da importância dessa categoria de mercadorias nas exportações chinesas aconteceu.

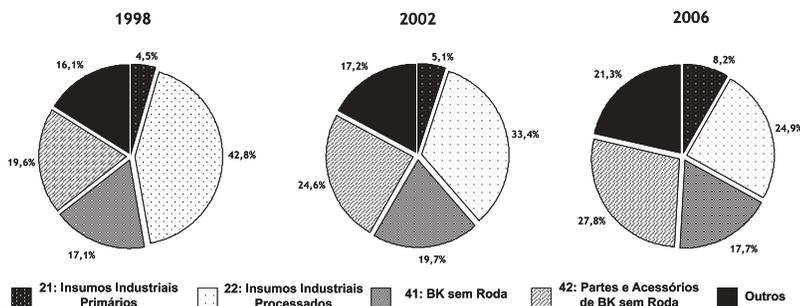
GRÁFICO 6
Participação da China como Origem das Importações de BK sem Roda (BEC 41) – 1998 a 2006



Fonte: *Elaboração própria, com base em dados do Comtrade (ONU).*

Ao cotejar o comportamento da participação da China como origem das importações de bens de capital sem roda pelos Estados Unidos com o perfil de crescimento dessa mesma participação observado no grupo de grandes mercados mundiais, recolhe-se evidências de que ainda há espaço para crescimento das exportações chinesas nesse segmento. Em outras palavras, é de se esperar que continue a crescer a participação dos bens de capital sem roda nas exportações da China (e da China como origem das importações mundiais de bens de capital sem roda).

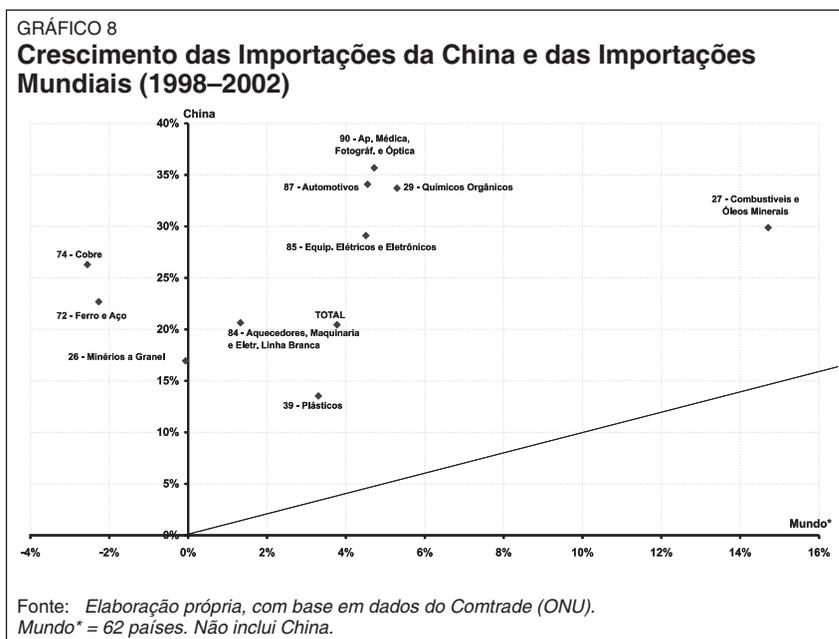
GRÁFICO 7
Participação da China como Origem das Importações de BK sem Roda (BEC 41) – 1998 a 2006



Fonte: *Elaboração própria, com base em dados do Comtrade (ONU).*

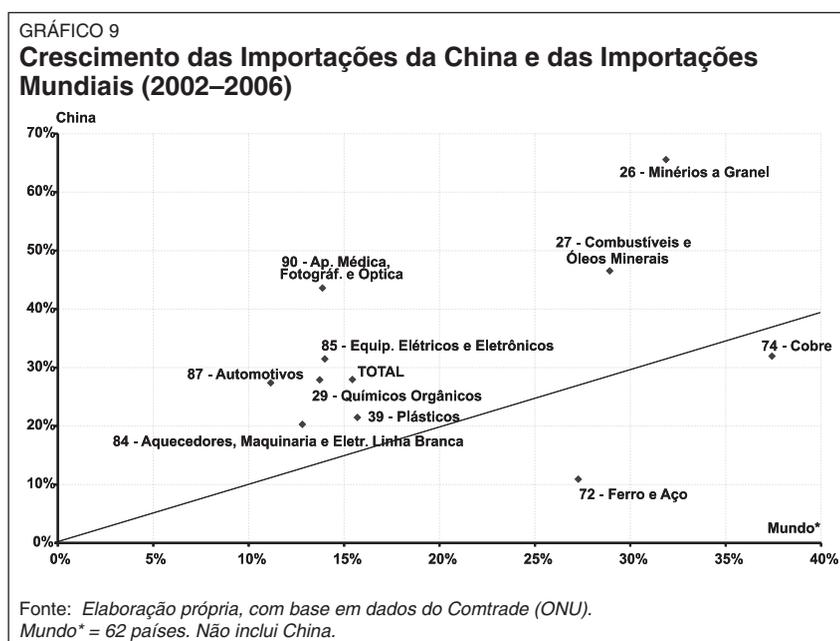
Passando à análise das importações (Gráfico 7), é notável o crescimento dos bens de capital sem roda, com destaque para as partes e acessórios (BEC 42). Os insumos industriais, mesmo apresentando alta em termos absolutos, registraram queda de sua participação na pauta quase à metade dos percentuais observados em 1998. Essa redução relativa das necessidades de insumos industriais concentrou-se nos processados (BEC 22); os insumos industriais primários (BEC 21), ao contrário, apresentaram alta desde 1998, refletindo a escassez na dotação chinesa de alguns recursos naturais.

Ao examinar as importações chinesas por capítulos da classificação HS,¹² é possível entender melhor como foi o comportamento das compras externas da China nos últimos anos. Os Gráficos 8 e 9 foram elaborados com os dez capítulos da HS mais representativos na pauta importadora chinesa. Esses segmentos representavam, em 2006, mais de 80% das importações do país.



¹² HS: Harmonized System (Sistema Harmonizado). Esse sistema de classificação de mercadorias atribui aos bens negociados no comércio exterior um número de seis dígitos. Um capítulo da HS abrange todas as mercadorias cujos dois primeiros dígitos são iguais. Há cerca de cem capítulos na HS. A HS é uma classificação interessante para examinar o comportamento de produtos ou grupos de produtos com propriedades próximas e/ou características parecidas.

Entre 1998 e 2002, as importações mundiais cresceram à média de 3,8% ao ano. Essa média foi afetada pelos atentados de setembro de 2001 e seus desdobramentos, que causaram uma queda na corrente de comércio do mundo de cerca de 4% naquele ano, com efeitos de baixa de demanda especialmente representativos sobre as *commodities*. Na China, porém, houve alta generalizada nas importações e o Gráfico 8 reflete esse contraste entre o desempenho das importações chinesas e do restante do mundo.



Já o período entre 2002 e 2006 foi marcado pela contínua elevação do comércio internacional (alta anual da corrente de comércio do mundo de 15,7%; chinesa de 29,8%). Observando-se o Gráfico 9, tem-se que o capítulo 72 (ferro e aço) e o capítulo 74 (cobre e produtos de cobre) foram os únicos em que o crescimento das importações da China ficou abaixo da média mundial entre 2002 e 2006. Juntando-se o desempenho das importações chinesas do capítulo 72 com o expressivo aumento das compras externas de minérios (capítulo 26, composto principalmente por minérios de ferro) pelo país, tem-se uma forte evidência da substituição dos importados pela produção doméstica no suprimento da demanda interna por produtos de ferro e aço. De fato, através de um programa de maciços investimentos em siderúrgicas, a China tornou menos representativas (em

termos relativos ao total das importações) as suas necessidades de ferro e aço, ao mesmo tempo em que as importações de minérios de ferro (insumo principal dos produtos de ferro e aço) cresceram bem acima das médias chinesa e mundial.¹³

4. Considerações Finais

Desde o final dos anos 1990, com a superação dos efeitos negativos da crise asiática, e tendo como pano de fundo a intensificação de seu processo de abertura econômica, a China experimentou um notável crescimento de seu comércio exterior. Além da intensidade, as principais marcas da expansão da corrente de comércio chinesa foram seu caráter amplo (por todo o espectro de categorias de produtos) e as transformações na composição das pautas exportadora e importadora que ela envolveu.

Sem perder os espaços anteriormente conquistados nos setores de manufaturas mais simples e intensivas em mão-de-obra (bens de consumo não-duráveis e semiduráveis), o país deslocou a ênfase de sua pauta exportadora na direção dos bens de capital e produtos com maior grau de sofisticação e conteúdo tecnológico. Nas importações, a tônica dos últimos nove anos foi a redução relativa das necessidades externas de insumos industriais processados e a expansão nas compras de partes e componentes de bens de capital sem roda, *commodities* agrícolas e minerais (Quadro 1).

A literatura econômica recente sobre o tema também recolheu evidências a respeito das transformações das pautas comerciais chinesas. Além de examinar as alterações nas cestas de importação e exportação, os autores procuraram averiguar se essas mudanças resultaram do crescimento no processamento interno de mercadorias ou de uma intensificação da integração vertical da China com seus parceiros comerciais.

¹³ Em 2006, a China converteu pela primeira vez (desde 1992, início dos dados) o déficit de sua balança comercial de ferro e aço em superávit. O país saiu de uma posição deficitária em quase US\$ 20 bilhões (exportações de US\$ 3,4 bilhões para importações de US\$ 22,2 bilhões), em 2003, para um superávit de mais de US\$ 5 bilhões (exportações de US\$ 25,1 bilhões contra importações de US\$ 20,0 bilhões). As vendas de aço da China a outros países em 2006 foram de 43 milhões de toneladas, ou 30% do mercado mundial, que é mais que toda a produção brasileira do mesmo ano, que foi de 31 milhões de toneladas. Fonte: Comtrade (ONU).

QUADRO 1

Principais Movimentos nas Pautas Comerciais da China por Categorias BEC, 1998-2006

		X	M
2: Insumos Industriais	21: Primários	■	↑
	22: Processados	■	↓
4: BK sem Roda	41: Completo	↑	↓
	42: Parte e peças	↑	↑
6: Bens de Consumo	61: Duráveis	↑	■
	62: Semiduráveis	↓	■
	63: Não-duráveis	↓	■

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados do Comtrade (ONU).*

Amiti e Freund (2007) constataam uma “drástica mudança” na pauta exportadora chinesa no período de 1992 a 2005, com a ênfase deslocando-se da agricultura e dos têxteis para os eletrônicos de consumo, computadores e outros manufaturados de elevada sofisticação. Os autores assinalam, porém, que, apesar desse movimento de sofisticação da pauta, a maior parte do crescimento em valor das exportações chinesas ocorreu através do aumento das vendas externas de produtos que já faziam parte da cesta de exportações chinesa em 1992,¹⁴ ainda que tenha havido crescimento acelerado da participação de setores que antes tinham representatividade reduzida. Os autores concluem que há poucas evidências de que o ganho de sofisticação das exportações chinesas se deva a aprimoramentos na técnica produtiva doméstica.¹⁵

Na mesma linha dos resultados encontrados por Amiti e Freund (2007), Dean *et al.* (2007) fazem uma estimativa da contribuição dos insumos importados para as exportações chinesas e concluem que cerca de 35% do valor das vendas externas da China são oriundos de importações do país. O trabalho constata também que a estimativa desse indicador excede 50% para alguns setores e vem crescendo ao longo do tempo. Assinalam os autores que “este movimento [de integração vertical] é tão significativo

14 “In particular, despite a 40 percent increase in number of varieties that China exported to the U.S. since 1992, the extensive margin accounts for at most 15 percent of China’s export growth” [Amiti e Freund (2007)].

15 “Skill content of China’s export has increased, but most of this is due to processing trade (...) There is little evidence that the value added of China’s exports have become more skill intensive when processing trade is excluded” [Amiti e Freund (2007)].

que a pauta exportadora chinesa vem crescentemente se assemelhando à de países mais desenvolvidos, tornando-se mais sofisticada que a de outros países com dotação relativa de recursos similar à da China”.¹⁶

Cui e Syed (2007), por outro lado, observam que “à medida que a China se desloca para cima na cadeia de agregação de valor, tanto as importações quanto as exportações se tornam mais sofisticadas”.¹⁷ Os autores vão além e concluem que, embora a integração comercial ainda responda por parcela representativa do comércio exterior chinês, o país afastou-se das operações tradicionais de montagem e suas exportações passaram a contar com uma participação maior do conteúdo doméstico, sendo este movimento ainda mais intenso para as categorias de produtos menos sofisticados. Especulam ainda os autores que: a) a quebra do paradigma chinês de importar componentes, montar e exportar o produto final pode ter sido favorecida pela realização maciça de investimentos externos diretos;¹⁸ e b) o aumento da participação doméstica na composição dos produtos de exportação chineses pode ser um dos fatores importantes para explicar o crescimento do superávit comercial da China ao longo dos últimos anos.

Os apontamentos de Cui e Syed (2007) estão em consonância com os resultados encontrados ao longo do presente trabalho. Por esta visão, o florescimento do comércio exterior chinês é a expressão externa do dinamismo interno do país, dinamismo esse cujo legado principal dos últimos nove anos foi a transformação gradativa da inserção internacional da China.

A modificação das pautas comerciais chinesas representa uma alteração fundamental das oportunidades oferecidas pela China e das ameaças que ela traz. No exame sobre as perspectivas para o comércio exterior chinês, ficam em evidência duas tendências: a) a continuidade da expansão da de-

16 Ver Dean et. al. (2007).

17 Cui e Syed (2007) assinalam ainda que “this new (China’s trade) structure gives rise to a number of interesting implications that challenge conventional wisdom both about the vulnerabilities of the Chinese economy and its role and influence in the broader regional context”, argumentando que os resultados encontrados em seu trabalho (“imports and exports have become less linked than before, and export structure has moved towards products that are more demand and price elastic”) sugerem que a balança comercial chinesa pode estar se tornando mais sensível aos movimentos (1) na demanda internacional e (2) nos preços relativos do comércio internacional do que se costuma supor. “China is likely to be more vulnerable to external shocks than typically assumed. In particular, a real appreciation or a slowdown in the US could have a stronger impact on China’s net exports and growth.”

18 “The traditional tight link between imports and exports created by processing trade may be weakening as a result of increased domestic production capabilities supported by large FDI inflows (...) China has continued to upgrade its production capability while demanding increasingly more sophisticated products from abroad” [Cui e Syed (2007)].

manda chinesa por aqueles insumos básicos escassos em seu território; e b) o aproveitamento, pela China, do espaço existente nos mercados internacionais para absorver expansões da sua produção de bens de capital.

Assim, na face das exportações, é provável que os bens de capital sigam apresentando comportamento semelhante ao registrado desde 1998, com a incorporação de novos setores ao vó chinês. Nessa matéria, os bens de capital com roda são fortes candidatos. A decolagem de novos setores depende da criação de massa crítica suficiente, o que pode ocorrer, por exemplo, mediante a reprodução do fenômeno sugerido por Cui e Syed para a primeira metade desta década, de expansão das exportações por ganho de competitividade da produção local promovido pelo investimento externo direto. De modo geral, portanto, deve-se observar a continuidade do deslocamento da pauta exportadora chinesa em direção a mercadorias com maior grau de sofisticação.

No tocante às importações, deve prevalecer a continuidade da alta nas compras externas das *commodities* agrícolas e minerais, dos insumos industriais primários e das partes e peças de bens de capital. Além disso, após três décadas de intenso e continuado crescimento econômico, é de se esperar que a expansão da demanda doméstica traga reflexos sobre o comércio exterior chinês, com incorporação ou ganho na participação de itens associados ao consumo cuja representatividade era, até então, desprezível.

Ainda com referência aos reflexos para o resto do mundo das transformações da pauta comercial chinesa, com a participação crescente da China na oferta mundial de bens intermediários, vale ter em conta a seguinte conjectura de Cui e Syed: assim como a presença da China ajudou a baixar os preços internacionais dos bens de consumo menos sofisticados (com a criação do fenômeno do “preço chinês”, em diversos casos), o país, no futuro, pode exercer uma pressão baixista também sobre os preços dos bens intermediários.

O Brasil é *latecomer* em termos de “efeito China”: o crescimento da corrente de comércio chinesa somente trouxe efeitos diretos ao país (assim como à maioria dos vizinhos da América Latina, à exceção do Chile) alguns anos depois das implicações sobre Estados Unidos e Japão. Isso poderia se explicar pela composição das nossas pautas exportadora e importadora. Em todo caso, o país já vem sofrendo indiretamente os impactos do “efeito China” desde, pelo menos, o final dos anos 1990, no deslocamento do fornecedor brasileiro em mercados terceiros e na alta dos preços das *commodities* agrícolas e minerais.

De fato, as mais patentes oportunidades de aproveitamento, pelo Brasil, do fenômeno chinês estão justamente nas exportações de *commodities* agrícolas e minerais (soja, minério de ferro e petróleo respondem por mais de três quartos, em valor, das exportações do Brasil à China). O grande desafio, porém, é encontrar a melhor forma de responder à crescentemente diversificada competição dos produtos chineses. A preocupação fundamental deve ser criar condições para ampliar o leque de produtos exportados e aumentar, sempre que possível, o grau de processamento interno das mercadorias vendidas ao exterior. Nesse mister, será importante manter na alçibeira (ou lançar à prática, quando necessário) mecanismos para lidar com o potencial efeito de doença holandesa associado ao *boom* exportador dos insumos primários.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Marcelo. *Implications of China's emergence in the global economy for Latin America and the Caribbean Region. The case of Brazil*. Background paper preparado para o Inter-American Development Bank Report on China. Washington, DC, 2004.
- ACIOLY, Luciana. "China: Uma Inserção Externa Diferenciada". *Boletim de Economia Política Internacional – Análise Estratégica* n. 7, Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais do Instituto de Economia da Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.econ.unicamp.br/asp-scripts/boletim_ceri/boletim/boletim7/03_China.pdf>. Acesso em: 30.4.2008.
- ALVAREZ, Robert; CLARO, Sebastián. *David versus Goliath: the impact of Chinese competition on developing countries*. Paper apresentado em seminário na Pontifícia Universidade Católica do Chile, 2007, mimeo.
- AMITY, Mary; FREUND, Caroline. *An anatomy of China's export growth*. Paper apresentado na Trade Conference, Research Department – IMF. Washington, DC, April 2007. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/seminars/eng/2007/china/pdf/amfr.pdf>>. Acesso em: 30.4.2008.
- CASS, Deborah Z.; WILLIAMS, Brett Z.; BAKER, George (eds.). *China and the world trading system: entering the new millennium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CASTRO, Antonio B. *Da semi-estagnação ao crescimento no mercado sino-cêntrico*. Rio de Janeiro, 2007, mimeo.
- _____. *No espelho da China*. Rio de Janeiro, 2007, mimeo.

COMTRADE/ONU. United Nations Statistics Division, Commodity Trade Statistics Database. Disponível para assinantes em: <<http://comtrade.un.org/db>>.

CUI, Li; SYED, Murtaza H. *Is China changing its stripes? The shifting structure of China's external trade and its implications*. Paper apresentado na Trade Conference, Research Department – IMF. Washington, DC, April 6, 2007. Texto disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/seminars/eng/2007/china/pdf/cuisyed.pdf>>. Acesso em: 30.4.2008.

DEAN, Judith M.; FUNG, K. C.; WANG, Zhi. *Measuring the vertical specialization in Chinese trade*. Office of Economics Working Paper, United States Trade Commission, Washington, DC, n. 2007-01-A. Disponível em: <http://hotdocs.usitc.gov/docs/pubs/research_working_papers/EC200701A.pdf>. Acesso em: 30.4.2008.

FAIRBANK, John K.; GOLDMAN, Merle. *China – A new history*. Cambridge: Belknap Press, Harvard, 2002.

JENKINS, Rhys.; PETERS, Enrique D. *The impact of China on Latin America and Caribbean*. April 2006. Disponível em: <<http://www.uk.cn/uploads/2006428171845806.doc>>. Acesso em: 30.4.2008.

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *Economic Survey of China 2005: Key challenges for the Chinese economy*. Paris: OCDE, 2005.

_____. OCDE Reviews of Innovation Policy: China. Synthesis Report. In collaboration with The Ministry of Science and Technology, China, OCDE, 2007.

PRASAD, Eswar. *China's growth and integration into the world economy: prospects and challenges*. Washington, DC: FMI, 2004 (IMF Occasional Paper, 232).

SCHOTT, Peter K. *The relative sophistication of Chinese exports*. Cambridge: National Bureau of Economic Research (NBER), April 2006, JEL F1, F2, F4 (Working Paper, 12.173).

SWENSON, Deborah. *Multinationals and the creation of Chinese trade linkages*. Paper apresentado na Trade Conference – Research Department – IMF. Washington, DC, April 6, 2007.

